

3

O Teatro, a Criança e o Multiculturalismo

Este capítulo tem por finalidade discutir a nossa prática teatral dentro do âmbito dos Estudos Culturais, na tentativa de esmiuçar as possíveis contribuições que o teatro pode oferecer no sentido de iluminar conceitos móveis como cultura, a noção de diferença, identidade cultural e os atritos que esta mobilidade oferece no dia a dia da prática escolar.

Segundo Costa, Estudos Culturais são:

“Saberes nômades, que migram de uma disciplina para outra, de uma cultura para outra, que percorrem países, práticas, tradições e que não são capturados pelas cartografias consagradas que têm ordenado a produção do pensamento humano.”(2000, p.13)

Este conceito de Estudos Culturais cabe muito bem para explicitar a abrangência e o conteúdo do que pode ser objeto de interesse da prática teatral com crianças pequenas e, conseqüentemente, o que se pode querer com ela ao introduzi-la no currículo de creches e pré-escolas.

A arte teatral pode ser considerada como produtora de saberes nômades, na medida que ela pode abordar uma enorme gama de questões que são objeto de estudo do campo do multiculturalismo, tais como: a discussão e a aceitação das diferenças, o racismo, a injustiça social, e atravessar diferentes disciplinas, produzindo conhecimento sensível, com o intuito de, desde o começo da vida escolar de uma criança, fazê-la dominar seus meios expressivos, tomar posse de diferentes linguagens e com isso desenvolver seu poder de compreensão e interferência nas questões culturais, políticas e sociais do mundo.

A comunidade da Educação Infantil é formada pelos mais diferentes tipos de populações, pertencentes aos mais diversos níveis sócio-econômicos, possuindo variadas culturas, religiões, raças. Ela se organiza, política e pedagogicamente, das mais diferentes maneiras: creches públicas, privadas, filantrópicas, institucionais, pertencentes à ONGs (Organizações Não-Governamentais), tentando realizar sua tarefa primordial que é cuidar e educar a criança pequena.

Diante desse perfil tão variado, essa comunidade, por princípio, deveria lidar com as questões que preocupam o campo do multiculturalismo de forma substancial, produzindo conhecimento a respeito do assunto.

No entanto, a Educação Infantil também se submete a “binarismos tão fortemente aderidos às epistemologias tradicionais” (Costa, 2000, p.14), ao oferecer seu quinhão no fluxo que tenta definir o que seja “alta” ou “baixa” cultura, o que se deve oferecer em termos culturais às crianças e de que modo. Diante de sua natureza diversificada, está sujeita a profundos conflitos na definição de sua atuação como campo pedagógico especializado que pretende “cuidar e educar”.

Acreditamos que é preciso não limitar as possibilidades de descoberta da criança, pois para tentar conhecê-las verdadeiramente, é preciso proporcionar-lhe experiências de vida ricas e desafiadoras, procurando não fazer por ela, mas auxiliando-a a encontrar meios de descobrir e desenvolver o seu gosto estético.

Através dessa experiência, a criança é levada a exercitar sua independência e singularidade numa perspectiva de busca do outro, daquele que pelo convívio ou pela narração de suas aventuras (o personagem de ficção), pode ajudá-la a se constituir enquanto sujeito autônomo, em permanente contato com a diferença e tomando contato com a desigualdade que marca a história da construção de nossa sociedade. Busca-se também a convivência entre a cultura do adulto e a da criança, para que numa troca de experiências enriquecedora, ao desenvolver seus desejos, necessidades e conhecimentos pelo filtro da sensibilidade, a criança possa descobrir o quanto é necessário e frutífero aprender a identificar e a considerar as necessidades e desejos desse outro.

Desde bem pequenas, as crianças sofrem o assédio da indústria cultural de massa, apresentando comportamentos, idéias e desenvolvendo linguagens inculcadas pelos meios de comunicação que tem o objetivo primordial de torná-las consumidoras de modos de vida, conhecimentos e produtos que garantam a continuidade do estilo capitalista de organização da sociedade (Jobim e Souza, 1997).

Diante da grande indústria cultural de massa, todos são nivelados pelo mesmo padrão, obliterando características culturais específicas, ignorando peculiaridades nacionais, subtraindo costumes culturais que identificam os

diferentes povos do mundo e alterando o modo como as crianças podem produzir cultura, apreender significados, criar sentido para a existência e o convívio social.

Um dos objetivos de nossa prática teatral é, de alguma forma, influir no grande fluxo cultural hegemônico, oferecendo alternativas para que as crianças possam construir novas perspectivas de contato com a cultura, procurando compreender pelo exercício teatral das narrativas que, antigos costumes, novos costumes, práticas sociais, idéias, podem ser ressignificadas por elas próprias, ao construírem um espaço de diálogo entre si e os educadores que com elas trabalham, viabilizando uma perspectiva crítica de absorção cultural.

Aprender a refletir com sensibilidade, pode ser uma questão que provoque nas crianças e adultos, a vontade e a necessidade de produzir conhecimento a partir dos tais “saberes nômades” (Costa, 2000) que podem iluminar as contradições provocadas pelos ditos saberes universais. É óbvio que a cultura universal, já produziu conhecimentos que são de profundo valor para o progresso da humanidade. Não podemos desconsiderar isso.

Mas o que se pretende é contribuir para contextualizar a idéia constantemente disseminada de supremacia (branca, machista, ocidental) que existe nessa forma de cultura e evidenciar o fato dela ser uma construção elaborada ao longo da história, que possui um histórico de nascimento, conflitos, avanços e recuos, sendo não hegemônica e sujeita a mudanças.

Através da apresentação de narrativas de culturas minoritárias ou periféricas como a africana, indígena ou mesmo de regiões desconhecidas, e com a conseqüente teatralização das mesmas, deseja-se discutir a importância dessas culturas, explicitando o vasto universo da diferença que pode ser construído no imaginário infantil e estabelecendo sua contribuição significativa para o avanço do conhecimento, tanto quanto a cultura dita universal.

Os mitos, os conflitos sociais e as questões existenciais, estão presentes tanto numa narrativa fantasiosa européia, quanto numa africana ou indígena o que, através do dinâmico exercício do gesto teatral, coloca a prática do teatro dentro dos parâmetros de uma educação multicultural, ensinando pela sensibilidade a conviver com experiências de diversos grupos culturais e étnicos.

Devido à heterogeneidade das crianças e adultos da creche Fiocruz, ela se transforma num cadinho de culturas e raças que passam a discutir e conviver com questões culturais e/ou sociais que estão presentes no campo do

multiculturalismo, a saber: a possibilidade de provocar a conscientização das crianças a respeito das questões raciais, já que convivem no mesmo espaço crianças negras, brancas ou de traços asiáticos; a questão de gênero, pois meninas e meninos estão todo o tempo dividindo as mesmas rotinas e atividades; de classe, já que crianças de vários níveis sociais passam mais ou menos cinco anos em convívio contínuo, afetando-se mutuamente e a questão da inclusão, uma vez que a creche Fiocruz desenvolve um trabalho voltado para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que incluam crianças com necessidades educativas especiais.

Mas o que nos interessa é o fato de que a discussão dessas questões se dá através da arte evidenciando um movimento bem atual de recentralização da cultura enquanto campo possível para a discussão e conscientização das desigualdades sociais, de problematização da questão das diferenças, de elaboração do diálogo interdisciplinar, no intuito de colaborar para a efetivação do diálogo democrático no imaginário infantil.

Devemos descrever de modo mais prático as atividades teatrais desenvolvidas com as crianças, para que elas mesmas elaborem em si um certo estado de alerta, de crítica, e de constante esclarecimento a respeito das questões culturais.

Através da dramatização de narrativas fantasiosas, podemos afetar o imaginário infantil pelo sensível, provocando a aquisição de conhecimento, a aproximação entre opostos, o respeito à alteridade, a valorização da experiência individual, no momento mesmo em que as crianças são estimuladas a se expressarem pela arte e aprender com ela.

Não só pelo artístico, mas também pelo histórico, o trabalho de compilação de contos populares empreendido por Câmara Cascudo, recupera o valor da narrativa embutido no folclore brasileiro, revelando o processo histórico de adaptação feita pelo povo, revestindo-o de um colorido nacional todo especial, recuperando valores, hábitos e práticas culturais que merecem ser conhecidos pelas crianças, que como de costume, só tem acesso às formas narrativas do conto maravilhoso através da tradição européia ou estadunidense:

“Nesse momento chegou uma escrava negra, cega de um olho, a quem chamavam a Moura Torta. A negra abaixou-se para encher o pote com água do rio mas avistou o rosto da moça que se retratava

nas águas e pensou que fosse o dela. Ficou assombrada de tanta formosura.”

(Cascudo, 2001, p.123)

No caso da dramatização deste conto, “A Moura Torta”, a criança pode exercitar o metamorfosear-se num personagem que, apresentado como bruxa, traz em si as marcas da escravidão e da falta de valorização que tem marcado a raça negra dentro do imaginário popular brasileiro. A falta de um espelho que lhe desse a real dimensão de sua figura, faz com que a escrava tenha uma imagem distorcida do real, o que detona todas as ações futuras dela: o enfeitiçar a menina, o pôr-se em seu lugar, o desejar pra si o que socialmente lhe era vetado.

A partir da ficção, o educador de teatro pode trabalhar o preconceito racial, a construção social injusta, a auto-imagem do negro na sociedade e lançar questões que façam com que as crianças reconheçam, na atualidade, as conseqüências do racismo e da escravidão para a atual situação social brasileira. Mas também é importante trabalhar com a conscientização do educador que lida com a diversidade racial em sua turma, pois “podemos observar ainda que as relações dos próprios educadores com as crianças mostram o quanto esta questão permanece dificultada em seu entendimento, fazendo com que os educadores não utilizem o seu senso crítico, a sua sensibilidade e o seu aprendizado para desfazer essas atitudes rançosas, contribuindo assim para o reforço do preconceito ” (Souza, 2002, p.64).

Como ilustração desse pensamento, Cascudo enfatiza:

“Nenhuma ciência como o Folclore possui maior espaço de pesquisa e de aproximação humana. Ciência da psicologia coletiva, cultura do geral no homem, da tradição e do milênio na atualidade, do heróico no cotidiano, é uma verdadeira História Natural do Povo. (...) O valor do conto não é apenas emocional e delicioso, uma viagem de retorno ao país da infância. (...) Constitui elemento indispensável para ciências afins.”

(Cascudo, 2001, p.11).

A prática teatral em Educação Infantil pode, dramatizando os contos maravilhosos e populares, potencializar as qualidades semióticas dessas narrativas através do exercício da teatralidade, levando a criança e o educador que com elas

lida, a vivenciar o conhecimento do espírito, da memória e da imaginação populares. Com essas ferramentas, a criança pequena pode iniciar seu desenvolvimento global, capacitando-se pelo conhecimento sensível, a compreender e a atuar num mundo contraditório, que nos lança desafios à cada instante, a cada virada de uma folha de jornal, a cada filme globalizado que atinge com um poder imenso o imaginário infantil.

A escola que acredita no poder da arte como estimulador da vontade de conhecer e aprender, pode inserir-se no campo das instituições que se interessam por tentar equacionar as complexas questões que preocupam o campo do multiculturalismo.

Através do exercício da dramatização de narrativas populares, a escola pode ajudar a revelar a injusta realidade do mundo, provocando a discussão do assunto no meio infantil, levando à conscientização a respeito das questões de opressão e descaso que imperam ainda em nossa sociedade. De acordo com Cascudo: “O conto popular revela informação histórica, etnográfica, sociológica, jurídica e social. É um documento vivo, denunciando costumes, idéias, mentalidades, decisões e julgamentos” (Cascudo, 2001, p.12). Um fragmento do conto “João e Maria” pode nos revelar muito bem essa questão:

“Era uma vez um pobre lenhador que vivia com sua segunda mulher e seus dois filhos na orla de uma grande floresta. Era tão pobre, que muitas vezes não havia jantar, nem mesmo uma sopa. Chegou um dia em que não havia nada no guarda-comida, a não ser um pedaço de pão”

(Cresswell, 1996, p. 41).

Um contraponto à massificação da cultura é lançado no imaginário infantil quando trabalhamos a cultura popular e fantasiosa através do teatro. Como afirma Giroux (2001), os desenhos animados da Disney, representante qualificado da cultura de massas hegemônica, desempenham o papel persuasivo de “máquinas de ensino, como produtores de Cultura” (p.89).

Ao veicularem mensagens culturais hegemônicas, de forma sub-reptícia ou explícita; ao adaptarem histórias fantasiosas como Aladim, Branca de Neve, Cinderela a um modelo de cultura ocidental embranquecido, sexista, autoritário, deturpando o sentido original dessas histórias, a indústria cultural de massa exerce

um papel pedagógico predominante, que precisa ser contrabalançado através de práticas culturais no seio da escola que ofereçam alternativas críticas às crianças, para que possam agir no mundo como cidadãos críticos e combativos contra as desigualdades que ameaçam ideais democráticos de convivência social.

Algumas questões formuladas por Giroux (2001) podem ser encaradas de modo mais prático ao assumirmos a arte na escola como mais um instrumento de sensibilização, conscientização e libertação de consciências aprisionadas à um modelo único de representação de mundo.

Quando a criança pequena traz na mão uma fita de vídeo de um filme popular globalizado, ela demonstra apego, sentimento pela narrativa ali encerrada. Compete ao educador acolhê-la, mas ao mesmo tempo estar consciente de que precisa encontrar alternativas possíveis ao poder pedagógico que tais narrativas oferecem.

Através do exercício constante, crítico, vivo de práticas culturais alternativas como o teatro e/ou a narração de histórias com conteúdos que revelam os mecanismos historicamente construídos de sujeição social impostas à mulheres, negros, homossexuais, povos do Terceiro Mundo, à população indígena, o educador pode, como pede Giroux (2001), “reinserir o político e o pedagógico no discurso do entretenimento”, revitalizando o desgastado e “estagnado relacionamento entre entretenimento e pedagogia” (p.104).

A creche da Fiocruz promove eventos culturais, em especial o seu Festival de Teatro, que acontece anualmente no mês de outubro, nos quais procura oferecer às crianças e adultos a oportunidade de travar contato com diferentes linguagens artísticas que possam ajudá-las a enriquecer seu capital cultural. Mas o que se torna mais relevante no sentido de promover o desenvolvimento global da criança, é o fato da creche estimular, de forma freqüente e organizada, o contato diário com uma experiência teatral que visa oferecer condições às crianças de se educarem pelo exercício da sensibilidade, da expressividade e da teatralidade, o que pode levá-las a buscar o encontro com a diferença, com a alteridade e afinal, consigo mesmas

O teatro, pela dramatização de contos populares e fantasiosos, numa perspectiva renovadora, crítica, lúdica pode ser para a criança pequena o primeiro leite cultural (Cascudo, 2001).